

O Ser na Concepção Materialista da História

José Fábio da Silva

*O único absoluto é a mudança
Butterfied*

O homem é um ser efetivamente histórico. Relaciona-se com o seu meio empreendendo um significado e um objetivo a todas as suas ações, conscientemente ou não, em uma relação entre o passado e o futuro. É um ser teleológico influenciado diretamente pelo meio social no qual se insere, ou seja, é impossível falar do homem separando-o de seu meio social ou de sua “historicidade”. Tudo que se relaciona com o homem enquanto indivíduo está ligado diretamente ao seu espaço social e às condições materiais e interpretações das mesmas herdadas por ele historicamente.

As condições históricas e o modo de produção da vida material é o que condiciona o processo da vida social, ou seja, é o lugar que o indivíduo ocupa na sociedade que determina a sua consciência. A consciência nada mais é do que o reconhecimento do indivíduo de sua posição no processo de produção, bem como a compreensão que tal posição foi historicamente determinada, e justamente por isso, também pode ser mudada por meio do próprio processo histórico. Na visão do materialismo histórico-dialético, esse processo histórico se dá por meio da luta de classes. O processo de conscientização só se dá, entretanto, dentro do processo moderno de produção, como afirma Lucáks: “Com o capitalismo e com a constituição de uma sociedade com articulações *puramente econômicas*, a consciência de classe chegou ao estágio em que *pôde se tornar consciente*” (LUCÁKS, 2003, p. 156).

O desenvolvimento da consciência se dá dentro do desenvolvimento do movimento histórico real. É no “desenvolvimento temporal irreversível” que é a história atravessa os seres humanos em sua existência e forma o indivíduo como um ser socio-histórico onde o “ser” não se separa da “consciência” e o “singular” não se distingue do “universal”.

O ser é o ser humano histórico-concreto envolvido em relações sociais que garantem a produção e reprodução da vida material e a consciência só pode ser as representações 'reais' ou 'ilusórias' que ele elabora a respeito de suas relações com a natureza e a sociedade. (VIANA, 2007, p. 29)

O ser é determinado fundamentalmente por sua essência; a essência, por sua vez, existe apenas em sua manifestação concreta, em sua existência. Entretanto, para superar a “aparência” e reconhecer o “ser”, para reconhecer a essência do ser em sua historicidade, sem a qual ela não pode ser reconhecida, é necessário compreender que “a essência só existe na manifestação de alguma coisa”, ou seja, não se reconhece a “essência do ser” separando-a de sua existência material ou de sua historicidade.

Do ponto de vista do materialismo histórico-dialético, a consciência do indivíduo em relação ao seu meio social, político, intelectual ou religioso, é condicionada pelo modo de produção da vida material. Sua visão de mundo é formada a partir da classe social que o indivíduo se insere e não pela ideia que ele venha a construir de si mesmo. Segundo Edward Carr, “nossa imagem de fatos de nosso meio é modelada por nossos valores. Os valores penetram nos fatos e são parte essencial deles” (CARR, 2002, p. 163).

Os valores prevalentes em uma sociedade são os valores da classe dominante. No

sistema capitalista, os valores que prevalecem são os valores burgueses, classe detentora dos meios de produção a qual busca a reprodução do capital. Independente da consciência que um indivíduo faz de si, os seus objetivos, enquanto classe está sempre presente nele, a visão que ele faz de si não determina quem ele de fato é, mas sim as condições materiais e o meio no qual ele está inserido. Os interesses de classe são o objetivo e o envolvimento que uma classe social possui originários de sua posição diante das relações de produção.

O assalariado é produto e produtor de seu meio e apenas percebendo sua posição dentro desse processo de exploração pode então obter forças e vislumbrar condições para poder superá-lo. Para uma clara compreensão do *ser-de-classe do proletariado*, é necessário, antes de mais nada, uma compreensão clara da oposição que há entre o trabalhador assalariado e a propriedade privada. Na perspectiva do materialismo histórico-dialético, o trabalhador tem na superação de suas condições de inferioridade frente ao capitalismo o “seu fim e sua ação histórica”, e para que isso ocorra é preciso que se liberte de si mesmo enquanto classe e elimine a propriedade privada, principal responsável por sua condição. O *ser-de-classe do proletariado* revela-se, então, dentro do processo histórico e de suas condições materiais enquanto força de trabalho assalariado produtora de mais-valia e constantemente contrária ao capital. A consciência de classe do trabalhador não se encontra então no âmbito teórico e sim na prática, em suas atividades cotidianas, no dia a dia de sua existência enquanto ser social. Como afirma Nildo Viana:

A consciência é uma forma de atividade. O ser humano sempre coloca uma finalidade antes de executar uma atividade. A finalidade é, portanto, expressão do caráter ativo da consciência. Esta finalidade pode ser uma ética, um projeto de algo novo, etc (VIANA, 2007, p. 33).

O antagonismo característico das condições sociais de vida dos indivíduos sustenta a força produtiva responsável pelo desenvolvimento da sociedade capitalista ao mesmo tempo em que cria as condições materiais para a solução desse mesmo antagonismo. O indivíduo mesmo consciente de seu papel dentro de uma determinada sociedade pode, ainda assim, não conseguir enxergar as contradições presentes na mesma. À medida que o indivíduo verdadeiramente consciente se reconhece como parte integrante de uma classe social e luta não apenas pelos próprios interesses, mas pelo interesse da classe, as contradições dessa sociedade tornam-se mais evidentes, pois na intensificação das lutas de classe e das contradições do capitalismo se desenvolve a consciência mais abrangente da realidade.

O “ser” no materialismo histórico-dialético não é apenas uma hipótese, o “ser” abandona o seu caráter metafísico e passa a se relacionar com um tempo e um lugar, é dentro da produção e reprodução da vida imediata/existencial que o “ser social” se organiza e se materializa; se concretiza em uma realidade histórico-concreta.

A ontologia marxista é ‘relacional’ – o ser social não é uma ‘coisa’, e sim relações históricas determinadas. Ao mesmo tempo que absolutamente historicizado, esse ser conservaria um resíduo intemporal, presente em todas as formulações sociais e inultrapassável: a relação insuperável entre homem e natureza (REIS, 2006, p. 54-55).

A perspectiva do materialismo histórico-dialético não busca a origem do “ser” como faz à metafísica, o “ser” é fruto das relações sociais e do modo de produção que fundamenta cada sociedade. Essas relações mudam e assumem características diferentes conforme lugares e épocas. Mesmo diante de muitas interpretações é o modo de produção da vida material que determina as estruturas sociais e as contradições da mesma. Não há uma verdade do “ser” separado do processo histórico ou das condições materiais que

fundamental a sociedade. O homem mais do que um “ser universal”, é um “ser produzido” historicamente, não sendo fadado a aceitar as “verdades” que a sociedade coloca como tal.

Referências Bibliográficas

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CARR, Edward H. *História como progresso*. In: CARR, Edward H. **Que é história**. São Paulo: Paz e terra, 2002. p.143-165.
- FONTANA, Josep. *Marx e o “materialismo histórico”*. In: FONTANA, Josep. *A História dos Homens*. Baurú, SP: EDUSC, 2004.
- KORSCH, Karl. *A concepção materialista da história*. In: KOSH, Karl. *Marxismo e filosofia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008. p. 123-146.
- LUKÁCS, Georg. *Consciência de classe*. In: LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe: Estudos da dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 133-191.
- REIS, José Carlos. *O Marxismo*. In: REIS, José Jorge. *A História, entre a Filosofia e a Ciência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- VIANA, Nildo. *A consciência da História*. Ensaios sobre o Materialismo Histórico-Dialético. Rio de Janeiro: Achimé, 2007.
- _____. *Escritos metodológicos de Marx*. Goiânia: Alternativa, 2007.
- _____. *O Que é marxismo?* Rio de Janeiro: Elo, 2008.

José Fábio da Silva

Graduando de História da Universidade Estadual de Goiás (UEG).